

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Fundação Escola Nacional de Administração Pública

Presidente

Francisco Gaetani

Diretor de Desenvolvimento Gerencial

Paulo Marques

Coordenadora-Geral de Educação a Distância

Natália Teles da Mota Teixeira

Conteudista

Débora Rodrigues Moura

Diagramação realizada no âmbito do acordo de Cooperação Técnica FUB/CDT/Laboratório Latitude e Enap.

Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

© Enap, 2016

Enap Escola Nacional de Administração Pública

Diretoria de Comunicação e Pesquisa

SAIS - Área 2-A - 70610-900 — Brasília, DF

Telefone: (61) 2020 3096 - Fax: (61) 2020 3178

SUMÁRIO

1 Surdez e sociedade	5
1.1 Causas da surdez	5
1.2 Descoberta da surdez	6
1.3 Graus de perda auditiva	7
1.4 Graus de perda auditiva	8
1.5 Aparelho de amplificação sonora individual	9
1.6 A surdez pela perspectiva ouvintista	9
1.7 A surdez pela perspectiva socioantropológica.....	11
1.8 A lei da libras e o decreto que a regulamenta	13
1.9 Identidade e cultura surda.....	14
2 Como promover a comunicação com surdos	16
2.1 Como promover a comunicação com surdos - Cont.	18
2.2 Como promover a comunicação com surdos - Cont.	20
3 Prática de libras	22
3.1 Libras: primeiro contato	23
3.2 Libras: diálogos e sinais importantes para uma primeira comunicação.....	23
3.3 Alfabeto manual e pronomes pessoais.....	24

**Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap**

Enap

**Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap**

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

acometem a mãe durante a gravidez, como, por exemplo, rubéola, meningite, toxoplasmose, citomegalovírus, sarampo, sífilis e herpes. Há também a prematuridade ou nascimento tardio do bebê. Ainda se observam outros fatores de risco, tais como a exposição da gestante ao uso de entorpecentes, drogas ototóxicas, alcoolismo, radiação, etc.

No período peri-natal, ou seja, durante o nascimento, fatores como as infecções hospitalares, a falta de oxigênio no cérebro, o parto prematuro ou tardio, entre outros, podem provocar perda auditiva. A utilização de medicamentos ototóxicos, infecções, algumas doenças como a meningite, o sarampo e a caxumba infantil, exposição excessiva a ruídos, traumas diversos e outras situações adversas podem ocasionar a perda de audição em qualquer idade.

1.2 Descoberta da surdez

O diagnóstico da surdez pode ocorrer já nos primeiros dias de vida da criança, por meio do teste da orelhinha. Esse exame pode apontar suspeitas, que devem ser confirmadas, ou não, por volta de até quatro meses de idade, mediante a realização de outros testes e exames.



SAIBA MAIS

O teste da orelhinha ou de Triagem Auditiva Neonatal (Exame de Emissões Otoacústicas Evocadas, em linguagem mais técnica) deve ser realizado no segundo ou terceiro dia de vida do bebê. Ele demora de 5 a 10 minutos, é indolor e não tem qualquer contraindicação ao bebê. Para a realização desse exame, é colocado um fone na orelha do bebê, ligado a um computador que emite sons de fraca intensidade e recolhe respostas internas do aparelho auditivo.

É importante saber que, por determinação de lei federal (Lei nº 12.303/2010), o teste da orelhinha deve ser realizado em todos os hospitais do Brasil.

Em muitos casos, a surdez só é diagnosticada quando a criança tem por volta de um ou dois anos de idade. É recorrente, nesse período, a família iniciar uma corrida a fim de compreender, aceitar e procurar alternativas educacionais e de saúde adequadas.

As crianças surdas, em sua maioria, chegam à escola por volta dos cinco ou seis anos de idade, isto é, com atraso significativo em relação à aquisição de uma língua. O ideal é que a criança surda vá para a escola o mais cedo possível, considerando-se que a falta de acesso a uma língua a impede de se comunicar, de viver e perceber o mundo plenamente, como demonstram os estudos na área. O Projeto "Toda Força ao 1º Ano: contemplando as especificidades dos alunos surdos" ressalta que:

Por não terem acesso à linguagem oral, usada pelas famílias, e pelo fato de as famílias não usarem a Língua de Sinais, as crianças surdas, filhas de pais ouvintes, são privadas das conversas, assim como muitas vezes de atividades prazerosas, como contação de histórias, recitação de versinhos e parlendas, entoação de canções. A não participação em tais atividades prejudica a constituição de conhecimento de mundo e de língua, disponível comumente às crianças ouvintes antes da escolarização. Por outro lado, pesquisas mostram que, expostas à Língua de Sinais, as crianças surdas podem usufruir de todas estas atividades. (TODA FORÇA AO ALUNO SURDO, 2006, p. 8).

Enap

1.4 Graus de perda auditiva

Enap

Na figura 1 temos um exemplo de audiometria construído com ilustrações, para que as explicações fiquem mais claras:

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

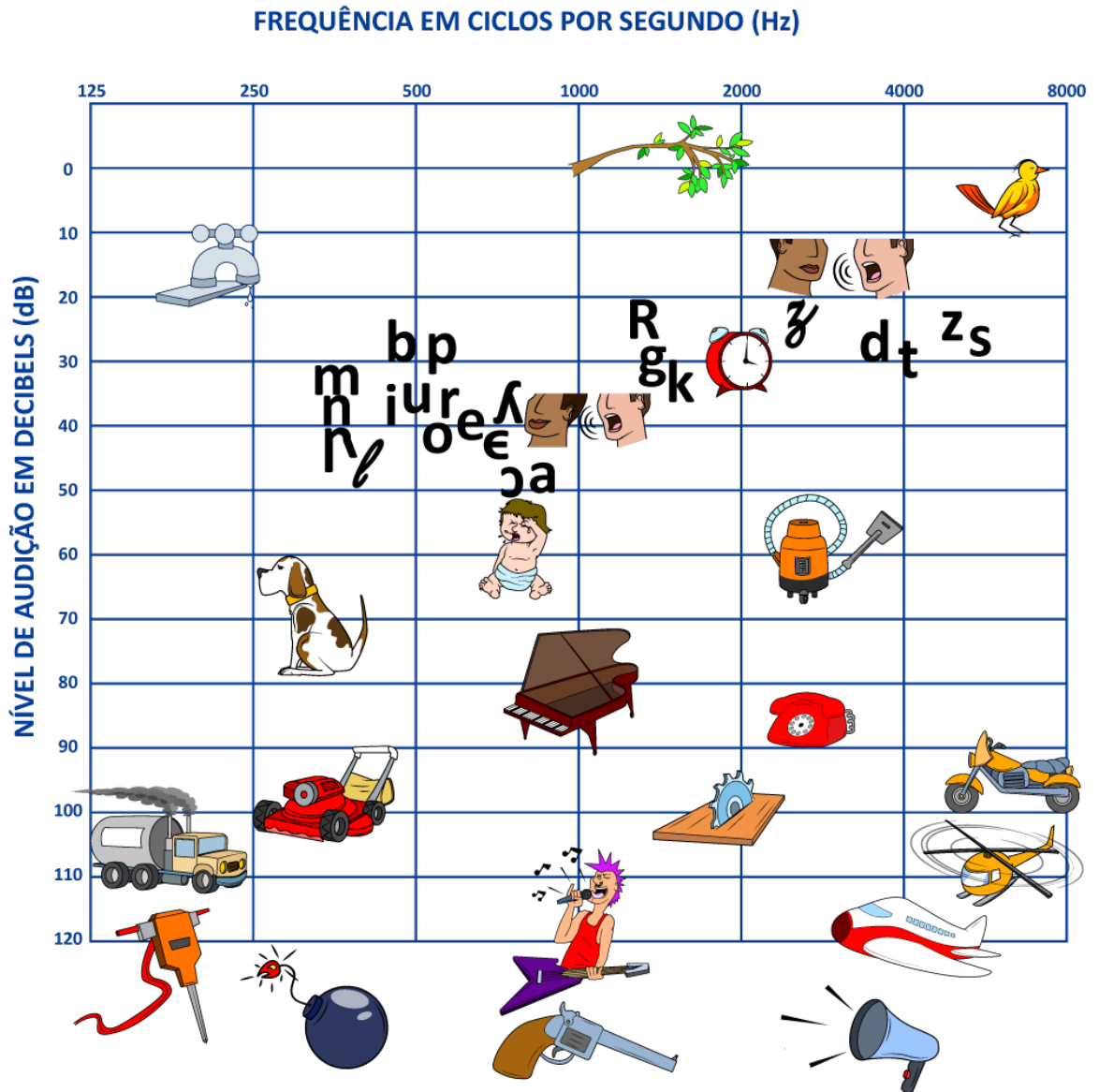
Enap

Enap

Enap

Enap

Figura 1 - Exemplo de audiometria Ilustrada - Exame que contém frequências medidas em ciclos por segundo (Hz) e exemplos do que cada grau de perda auditiva consegue perceber, medido em decibéis



Fonte: Autoria Própria

No caso de uma perda auditiva leve, é possível observar, pela tabela, os sons que a pessoa pode ou não ouvir. Ao localizar, por exemplo, 40 dB na linha horizontal é possível compreender que a pessoa com esse tipo de perda pode não escutar os sons dos fonemas marcados entre 26 e 40 dB.

O mesmo deve ser feito para analisar pessoas com perda moderada, ou seja, na linha horizontal, de 55 dB para cima da tabela, a pessoa com esse tipo de perda pode não escutar os sons marcados nessa faixa. Dessa forma, sua perda abrange um grau maior do que a perda leve. Isso não significa que o indivíduo com esse grau de perda não escute nenhum som abaixo de 60 dB, pois sua perda auditiva pode variar em relação à frequência medida em Hz.

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

vergonha, ódio de si mesmos e da criança, ressentimento, medo, impotência, etc.”, como defende Rita Furtado em publicação de 2008.

Isso parece ocorrer em grande parte do imaginário social, pois a surdez é compreendida como uma restrição ou limitação. Essa representação, construída social e historicamente, tem fortes bases no conceito de normalidade, pois "a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”, segundo Erving Goffman. Nessa perspectiva, o discurso sobre o que é ser normal ganha força num contexto que classifica o que a norma considera ideal ou adequado.

No caso dos surdos, a perda auditiva os coloca em uma situação de desvantagem diante dos ouvintes, pois "a norma é uma espécie de régua que tem o objetivo de 'medir' os sujeitos a fim de definir aqueles que farão parte dela e os que serão excluídos, dando origem aos sujeitos anormais”, nas palavras de Rita Furtado em publicação de 2011. Assim, percebe-se a surdez como uma doença, que requer tratamento terapêutico. Recorre-se a uma abordagem corretiva, a fim de minimizar o possível "defeito" da pessoa surda, de modo que ela possa aproximar-se do que é considerado comum. Nesse caso específico, a normalização ocorreria por meio da fala e da leitura labial.



SAIBA MAIS

Há muitas personalidades famosas que são surdas. Porém, de acordo com Karin Strobel, isso não é devidamente divulgado pelo medo do desprestígio que a surdez pode trazer ao imaginário ouvinte. A discussão da autora sobre essa questão foi publicada no Capítulo I do livro Estudos Surdos II, tratando desse tema com alguns exemplos de personalidades Surdas, como:



Fonte: [Flickr](#)

Thomas Edison

Inventor da Luz Elétrica

Teve surdez pós-linguística, por volta dos treze anos de idade.



Gastão de Orléans

O conde D'eu (segundo marido da Princesa Isabel)

Sua surdez foi confirmada em biografia da Princesa Isabel, de autoria de Robert Daibert Junior, apesar de não haver informações precisas em outros registros.

Fonte: [Wikimedia](#)



Lou Ferrigno

Ator que representou o Incrível Hulk

Surdo devido a uma infecção de ouvido, com cerca de três anos de idade.

Fonte: [Wikimedia \(com alterações\)](#)

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

1.7 A surdez pela perspectiva socioantropológica

Pesquisas sobre o desenvolvimento de surdos filhos de pais surdos foram alterando muito a visão do surdo como um sujeito limitado ou incapaz. Elas romperam com a ideia de déficit linguístico e cognitivo e, cada vez mais, vêm demonstrando que, quando exposta a uma língua visual, a criança surda tem possibilidades de se desenvolver de maneira análoga à criança ouvinte.

Em seus escritos, Oliver Sacks descreve de maneira eloquente sua incursão pelo mundo dos surdos. Nesses relatos o autor desvencilha-se da concepção médica sobre a surdez e passa a percebê-la para muito além dos aspectos biológicos. Nesse percurso conhece a Língua de Sinais e a descreve não só como adequada às condições visuais da pessoa surda, mas como a língua que possibilita a construção de relações de pensamento puramente visuais, talvez nunca imaginadas pelas pessoas ouvintes. Diante disso, observa-se a produção de uma cultura visual compartilhada por toda uma população. O autor disserta sobre a inteligência visual dos surdos, e, desse modo, adentra uma visão que se afasta cada vez mais da concepção ouvintista. Observa-se uma inversão de percepção, que traz em seu bojo a reconstrução da alteridade do surdo, reconhecido assim como um sujeito completo.

Quando se conhece a Comunidade Surda e sua Língua de Sinais, o encantamento parece ser recorrente. Enquanto os surdos eram comparados a ouvintes que tinham um problema, pouco se possibilitava para o desenvolvimento global deles, ao passo que, quando se permitiu que o surdo pudesse existir sendo surdo, suas possibilidades de existência e de inclusão se abriram de maneira contundente.

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Entretanto, essa realidade só começa a se fazer presente na contemporaneidade. Segundo Sherman Wilcox, as Línguas de Sinais chegam à esfera mundial, reconhecidas como idiomas, somente em meados da década de 1960, com as publicações do linguista William C. Stokoe. Dessa forma, pode-se analisar o quanto é recente o estudo sobre as Línguas de Sinais no contexto mundial e refletir o quanto esses idiomas foram desvalorizados por séculos. Somente nas últimas décadas, as Línguas de Sinais começaram a ser discutidas, permitidas e um pouco mais aceitas pelas sociedades ouvintes, que são majoritárias. Contudo, seu reconhecimento como línguas autênticas pela área da Linguística não significou a compreensão imediata de seu papel na vida das pessoas surdas, nem mesmo a valorização de seu status de idioma.



SAIBA MAIS

Ampliando Conhecimentos (Os movimentos completos das figuras estão disponíveis no ambiente virtual do curso.)

Cada país possui uma Língua de Sinais própria. Isso significa que tanto os sinais utilizados quanto o Alfabeto Manual diferem-se de uma Língua de Sinais para outra, conforme pode ser observado nas ilustrações abaixo, que se referem ao sinal de "mãe".



Lingua Italiana



Lingua Americana



Lingua Francesa



Lingua Espanhola



Lingua Brasileira

Fonte: Autoria própria

Ainda de acordo com Sherman Wilcox, somente após vinte anos do reconhecimento da Língua de Sinais Americana (ASL, sigla em inglês), ocorrido na década de 1960, deu-se início a um processo de ampla difusão nas universidades, colégios, televisão, teatro, atos políticos, etc. Isso fez com que houvesse um aumento promissor na procura por cursos para seu aprendizado. Acredita-se que são essas práticas que favorecem o acesso e a participação efetiva de surdos na sociedade ouvinte. Talvez esse seja o nosso momento atual. Um movimento que começa a instaurar-se na sociedade brasileira para a inclusão das pessoas surdas. Por meio do amparo da legislação vigente, a Libras começa a ser difundida e os surdos passam a compreendê-la como um direito.

1.8 A lei da libras e o decreto que a regulamenta

É possível verificar que as lutas por uma participação mais efetiva das Comunidades Surdas na sociedade majoritária (co)existem, não só no Brasil, mas em âmbito mundial. Especificamente em nosso país, a promulgação da Lei da Libras e do Decreto que a regulamenta vem trazendo mudanças sociais em relação à possibilidade de inclusão dos surdos, por meio do respeito a sua língua. Essa árdua tarefa é necessária não só para garantir ao surdo o direito de comunicar-se no país em que vive, mas também para outro desenvolvimento, no que se refere à concepção de surdez. Ao conhecer-se sobre a Libras e as pessoas surdas, há uma tendência ao afastamento da compreensão da surdez como falta, ausência, incapacidade ou doença. Isso é cada vez mais (re)afirmado em pesquisas que se dedicam a essa questão de maneira mais específica. Esse pensamento é sintetizado por Carlos Skliar, no livro "A Surdez: Um Olhar sobre as Diferenças", da seguinte forma:

“ [...] O que está mudando são as concepções sobre o sujeito surdo, as descrições em torno da sua língua, as definições sobre as políticas educacionais, a análise das relações de saberes e poderes entre adultos surdos e adultos ouvintes, etc. (SKLIAR, 2012, p.7). ”

A Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão no Brasil, por meio da lei nº 10.436/2002. A referida lei legitima a Libras como idioma advindo das Comunidades Surdas Brasileiras. Isso pode ser constatado no Parágrafo Único do Artigo 1º, no qual se lê:



Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

O Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a lei supracitada, aponta para uma série de providências que devem ser adotadas nas mais diferentes instâncias, principalmente no que tange à acessibilidade da pessoa surda. Dentre elas, pode-se destacar o Capítulo VIII do Documento, mais precisamente o § 1º do Artigo 26:



DO PAPEL DO PODER PÚBLICO E DAS EMPRESAS QUE DETÊM CONCESSÃO OU PERMISSÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS, NO APOIO AO USO E DIFUSÃO DA LIBRAS.

Art. 26. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, realizados por servidores e empregados capacitados para essa função, bem como o acesso às tecnologias de informação, conforme prevê o Decreto n.º 5.296, de 2004.

§ 1º As instituições de que trata o caput devem dispor de, pelo menos, cinco por cento de servidores, funcionários e empregados capacitados para o uso e interpretação da Libras.

Sendo a Língua de Sinais a única que pode ser adquirida naturalmente por surdos, visto que se configura como uma língua de modalidade visual, seu uso e difusão nas mais diferentes esferas, entre elas a educacional, a jurídica, a religiosa e a da saúde, possibilitam a "padronização" dos códigos de expressão desse idioma, de forma a elevar a interação da pessoa surda com um universo superior ao seu núcleo familiar e/ou imediato, pois a língua oral pode ser aprendida por surdos, mas não de maneira espontânea.

1.9 Identidade e cultura surda

A identidade surda é um tema muito estudado por vários pesquisadores. A autora Gladis Perlin descreve vários tipos de identidade que podem desenvolver-se dependendo da experiência social e cultural vivenciada pelos surdos. São elas: identidade flutuante, inconformada, de transição, híbrida e identidade surda.

Na identidade flutuante o surdo assume o papel de deficiente e comporta-se de modo a tentar superar sua perda auditiva, enquanto na identidade inconformada o surdo sente-se inferior ao ouvinte. Observa-se que, em ambas, impera uma concepção clínico-patológica sobre a surdez, e o ouvintismo engendra essa percepção sobre si mesmo e seu espaço no mundo.

Já na identidade de transição, o surdo tem contato com a Comunidade Surda, mas esse contato é tardio. Dessa forma, não se encontra plenamente em nenhum dos mundos.

A identidade híbrida é aquela em que o surdo perdeu audição ao longo da vida e aprendeu a Língua de Sinais como uma segunda língua. Dessa forma, conserva seu pensamento pautado na língua oral, mas reconstrói suas relações sociais amparadas na língua visual.

A identidade surda se constitui por meio do desenvolvimento das experiências em Língua de Sinais. Nesse contexto os surdos se assumem como surdos, ou seja, como sujeitos visuais

e culturais, sendo vistos como capazes, diferentes, mas não inferiores aos ouvintes. Essa formação de identidade ocorre de modo frequente entre os espaços em que a criança surda tem contato com adultos surdos. Ela espelha-se nos adultos como um modelo possível de alcance. Ao se questionar se surdos com esse tipo de identidade são deficientes auditivos, obtém-se resposta negativa. Eles intitulam-se apenas como surdos, ou seja, pessoas às quais não falta nada.

A identidade surda é construída tendo como base uma concepção socioantropológica da surdez. Dessa forma, para o surdo, é normal ser surdo, e esse sujeito não necessita de concerto, mas de possibilidades que permitam que ele se desenvolva com aquilo que tem de preservado. Débora Rodrigues Moura defende esse pensamento, afirmando que:

Dessa forma, reconhecer a identidade Surda positiva é permitir ao Surdo existir como sujeito participativo, enxergar possibilidades além da audição, compreender uma forma de se estruturar na e pela diferença, conhecer um ser humano essencialmente visual que assimila e produz cultura. (RODRIGUES-MOURA, 2015, p.62).

Nessa perspectiva a Cultura Surda se consolida. Ela não se resume, por exemplo, a um tipo de comida diferente ou a um tipo de crença específica, mas à forma de viver e de experimentar o mundo por uma perspectiva que não se utiliza da audição. Ao dissertar sobre essa questão, Heloísa Salles e outras autoras defendem que:

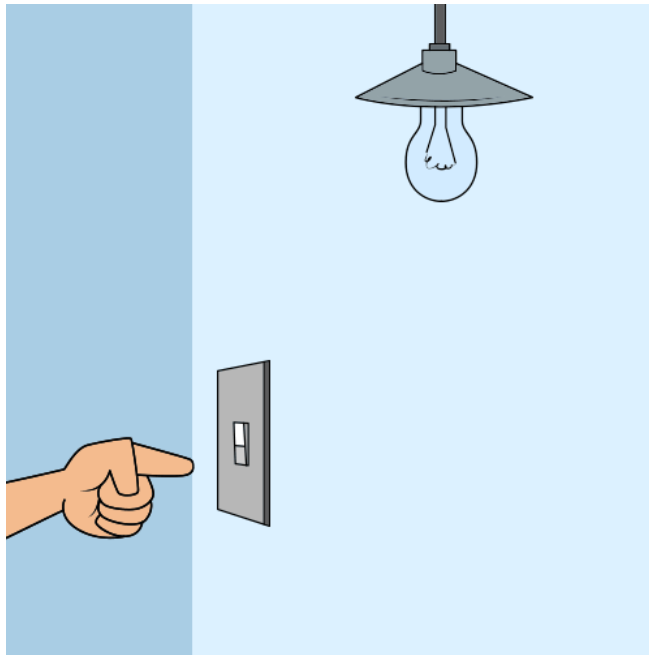
Quebrar o paradigma da deficiência é enxergar as restrições de ambos: surdos e ouvintes. Por exemplo, enquanto um surdo não conversa no escuro, o ouvinte não conversa debaixo d'água; em local barulhento, o ouvinte não consegue se comunicar, a menos que grite e, nesse caso, o surdo se comunica sem problemas. Além disso, o ouvinte não consegue comer e falar ao mesmo tempo, educadamente, e sem engasgar, enquanto o surdo não sofre essa restrição. (SALLES et al., 2004, p. 38)

Karin Ströbel disserta sobre oito artefatos culturais que caracterizam a Cultura Surda, são eles: a experiência visual, o linguístico, o familiar, a literatura surda, a vida social e esportiva, as artes visuais, o político e os materiais.

Em relação à experiência visual e linguística, o próprio idioma visuo espacial traz consigo particularidades em relação a formas de pensamento enredadas por uma percepção de mundo visual.

Em relação ao familiar e à vida social e esportiva, nos espaços em que há surdos presentes, todas essas dinâmicas se modificam. Recursos visuais e formas peculiares de relacionar-se, de construir regras, de polidez, etc. modificam-se e se (re)constituem numa relação dialógica diferente da ocupada só por ouvintes.

Figura 3 - Demonstração de como chamar a atenção de uma pessoa surda por meio da luz do ambiente.

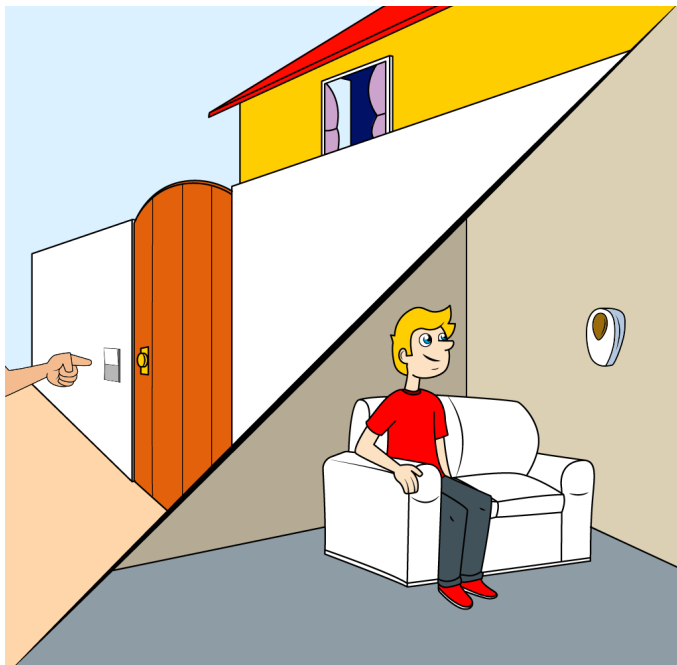


Fonte: Autoria própria

Existem ainda várias tecnologias que se utilizam basicamente dos sinais luminosos para facilitar a vida das pessoas surdas. A seguir são apresentadas algumas delas:

• **Campainha para Surdos**

Figura 4 - Demonstração do funcionamento de uma Campainha para Surdos.



Fonte: Autoria própria

Na ocasião da chegada de uma visita em sua casa, o surdo será avisado mediante o toque da campainha, por meio de um sinal luminoso. Existem campainhas de diversos modelos, como, por exemplo, as que ficam instaladas em algum cômodo da casa ou móveis, que o surdo pode transportar para qualquer lugar que achar mais apropriado.

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

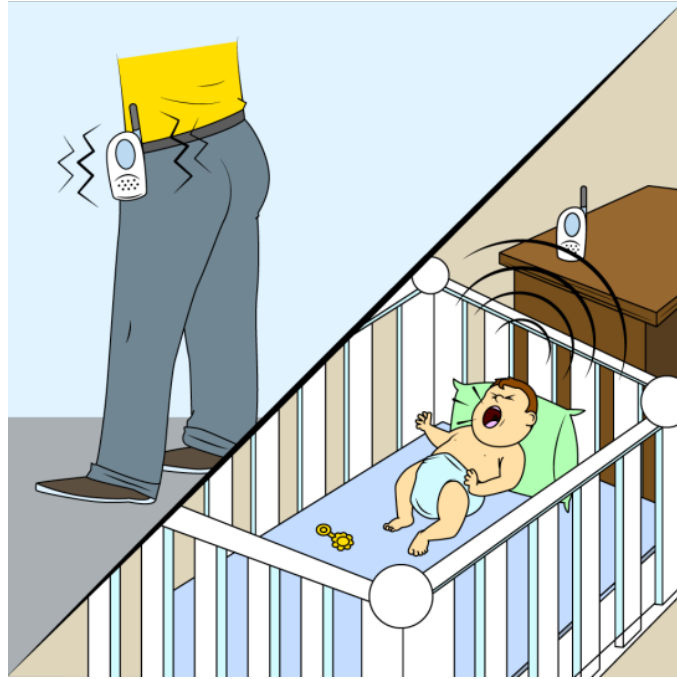
Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

• Babá Eletrônica Vibratória

Figura 5 - Demonstração do funcionamento de uma babá eletrônica vibratória



Fonte: Autoria própria

Esse dispositivo é útil quando os pais são surdos, pois traz uma independência em relação ao cuidado com o bebê. A babá eletrônica vibratória emite um alerta ao menor sinal de choro da criança, possibilitando maior segurança e tranquilidade aos pais.

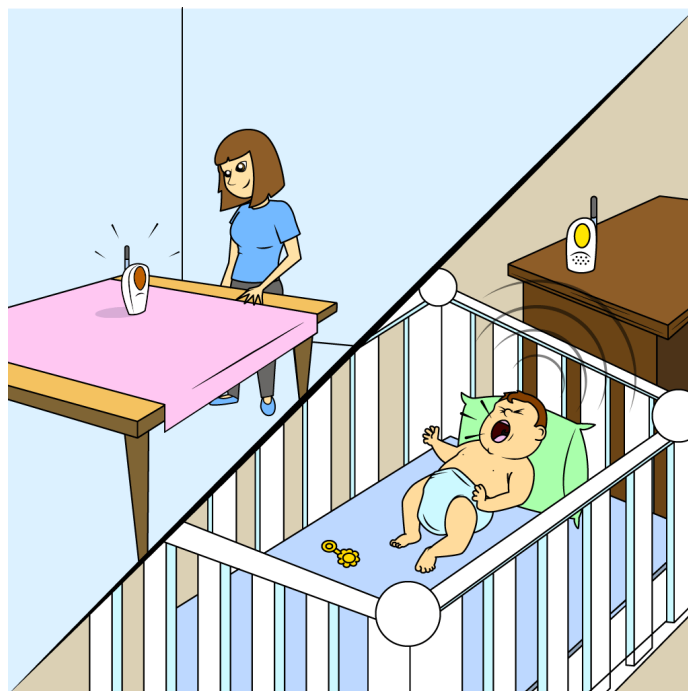
Enap

2.1 Como promover a comunicação com surdos - Cont.

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

• Babá Eletrônica Luminosa

Figura 6 - Demonstração do funcionamento de uma babá eletrônica luminosa.



Fonte: Autoria própria

Ainda existe o modelo de Babá Eletrônica Luminosa que consiste na conversão do sinal sonoro do choro do bebê em alerta luminoso no receptor que fica em poder dos pais.

- **Relógio Vibratório para Surdos**

Figura 7 - Demonstração do funcionamento de um relógio vibratório para surdos.

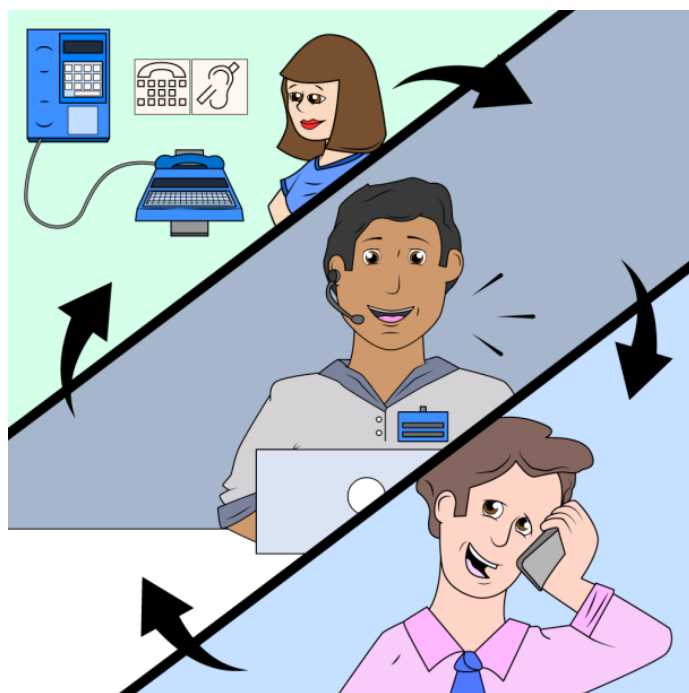


Fonte: Autoria própria

Esse relógio despertador funciona com dispositivo de vibração. É mais forte do que os conhecidos em celulares e pode ser colocado embaixo do travesseiro.

- **Telefone para Surdos**

Figura 8 - Demonstração do funcionamento de um telefone para surdos.



Fonte: Autoria própria

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

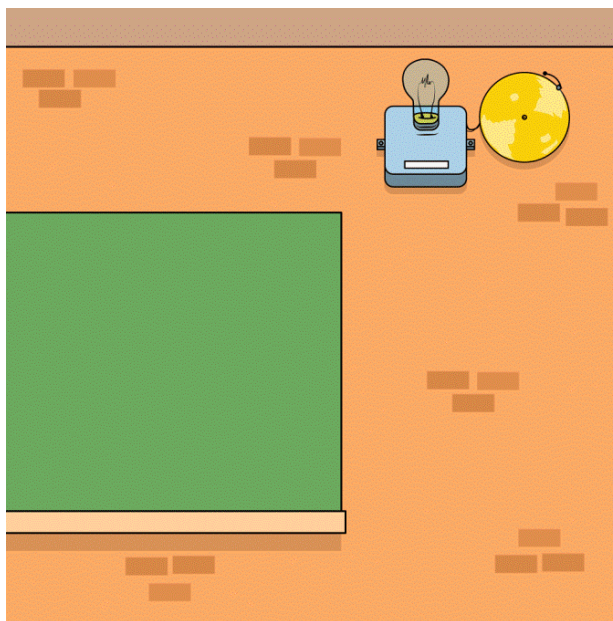
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Pode ser encontrado em vários espaços públicos. Nele o surdo pode realizar uma ligação para um ouvinte. A ligação é intermediada por um telefonista. A pessoa surda escreve o que deseja que seja dito e o telefonista fala oralmente com o ouvinte. Mediante a resposta do ouvinte, o telefonista escreve a mensagem que aparece no visor para a pessoa surda.

- **Campainha de Escola com Sinal Luminoso**

Figura 9 - Demonstração do funcionamento de uma campainha com sinal luminoso utilizada em algumas escolas.



Fonte: Autoria própria

Enap

Algumas escolas para surdos já se utilizam desse dispositivo. Ao toque do sinal, a luz se acende. Normalmente fica instalada num ponto central da sala, por exemplo, acima do quadro.

2.2 Como promover a comunicação com surdos - Cont.

- **Celular - Envio de Mensagens Escritas e Vídeos**

Figura 10 - Demonstração do uso de telefones celulares por surdos.



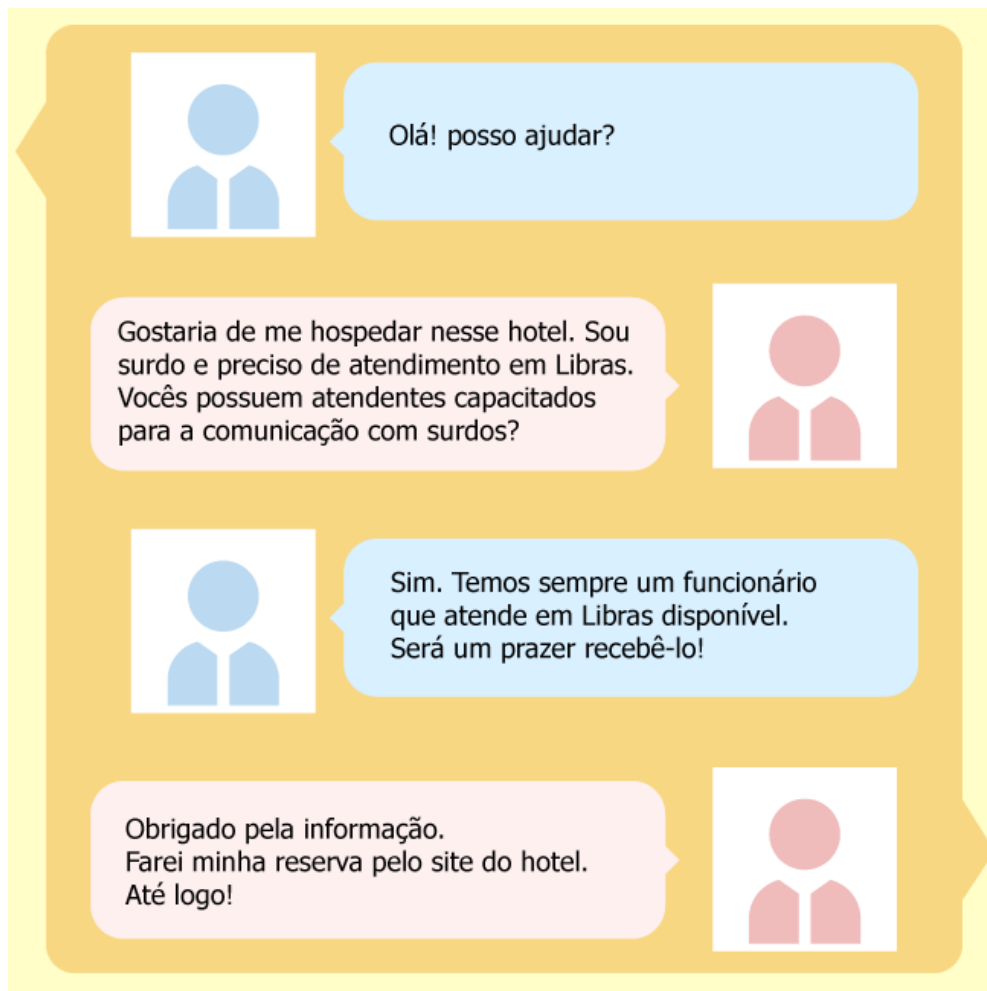
Fonte: Autoria própria

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Os aparelhos celulares são cada vez mais utilizados, inclusive pelas pessoas surdas. Nesse contexto, o acesso a mensagens escritas, que permite a comunicação de surdos entre si e com ouvintes, com a garantia da privacidade, é a forma de uso preferida dessa população, ultrapassando a preferência pelo telefone para surdos, que é mais usado em caso de emergência.

• **Escrita em Chats de Atendimento**

Figura 11 - Demonstração sobre o uso de Chats de atendimentos para surdos.



Fonte: Autoria própria

Atualmente muitas empresas, até mesmo em decorrência da Lei de acessibilidade, buscam garantir o atendimento por chats, o que favorece que o surdo receba uma formação escolar adequada e aprenda a Língua Portuguesa escrita como segunda língua.

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

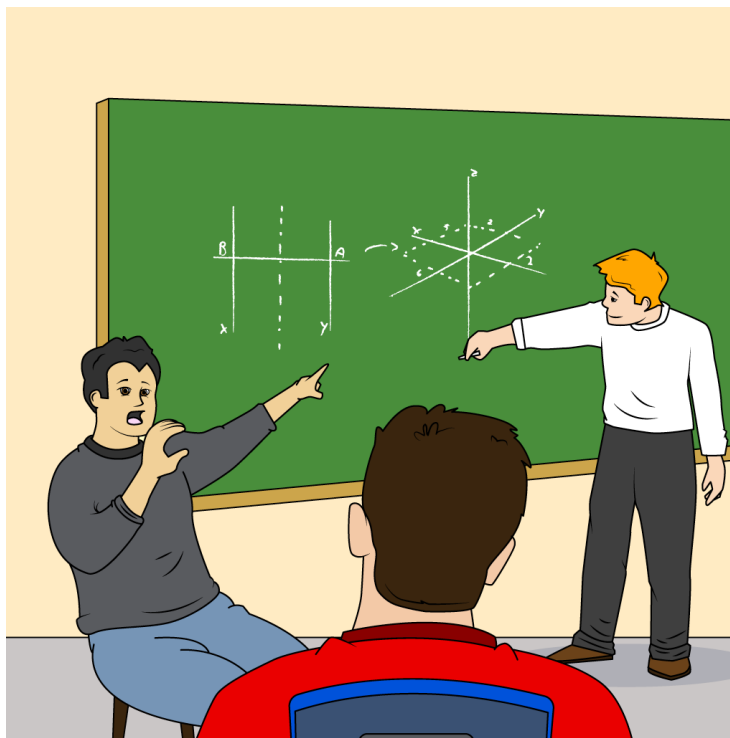
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

• Intérprete de Libras

Figura 12 - Intérprete de Libras em situação escolar.



Fonte: Autoria própria

Ainda que existam muitos recursos e uma população mais preparada para conhecer e difundir a Língua de Sinais, o profissional intérprete de Libras não pode ser dispensado. Ele domina o idioma, prática que demanda anos de estudos e tem condições de atender a pessoa surda em áreas em que uma comunicação aprofundada se faz fundamental, como em educação, justiça, religião, saúde, etc.

Assista ao vídeo 1, sobre tecnologias utilizadas na residência de uma pessoa surda a fim de possibilitar maior autonomia.

Vídeo 1 - Tecnologia em Libras - Casa de Surdo. Clique neste link para visualizar o vídeo: <http://tvines.com.br/?p=768>

Fonte: TV INES

3 Prática de libras

Nesta primeira parte você terá um primeiro contato com a Libras apresentada em práticas discursivas. Isso significa que a língua deve ser observada em uso, em situações de interlocuções comunicativas. O objetivo não é a apropriação de todos os sinais mostrados, mas proporcionar a adaptação à comunicação visual e gradualmente a compreensão do idioma.

Você deverá se acostumar com a Libras e com uma forma visual de comunicação. Deve observar as expressões faciais e corporais utilizadas, sem se preocupar em decorar sinais. Deve deter-se na tentativa de compreensão das situações apresentadas, ainda que não consiga entender todas de forma completa.

Como a Libras é uma língua diferente da Língua Portuguesa, o ideal é que tente se desvincular do mundo oral auditivo e imaginar as situações sendo comunicadas sem o som. Vamos lá?

3.1 Libras: primeiro contato

No vídeo 2, logo abaixo, tem-se um diálogo, sinais de marcação temporal, cumprimentos e a apresentação de pessoas surdas. É importante observar que essas pessoas utilizam o Alfabeto Manual para soletrar o nome próprio e usam também o sinal correspondente à identificação de cada uma delas.

O sinal de cada pessoa corresponde ao nome visual, ou seja, é marcado por alguma característica física presente no momento em que ela o recebe. Muitas vezes o sinal é mais valorizado pela Comunidade Surda do que o próprio nome oral auditivo.

O sinal da pessoa em destaque na figura abaixo poderia ser representado de diversas maneiras.

Figura 13 - Figura de mulher para ressaltar a reflexão sobre as características físicas da personagem e seus possíveis sinais.



Fonte: Autoria própria

Uma pessoa surda olharia o que mais se destaca fisicamente na pessoa para atribuir-lhe o sinal. Nesse caso, o sinal atribuído poderia referir-se aos cabelos crespos e ao sorriso, por exemplo.

Vídeo 2 - Sinais de marcação temporal e de características, cumprimentos e apresentação de pessoas surdas. Clique neste link para visualizar o vídeo do TV INES: <http://tvines.com.br/?p=709> (início do vídeo até 5,03 Min)

3.2 Libras: diálogos e sinais importantes para uma primeira comunicação

No vídeo 3 apresentam-se duas situações de diálogos em Libras. São explorados sinais de uso social importantes para uma primeira comunicação, sinais de objetos e dias da semana em Libras.

Vídeo 3 – Sinais de uso social de objetos e dias da semana. Clique neste link para visualizar o vídeo do TV INES: <http://tvines.com.br/?p=709> (de 5,04 Min a 16,04 Min)

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

